

## VERDADEIRA CASA DE DEUS: UMA ANÁLISE DE ATOS 7.44-48

Rafael Corrêa Batista<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho analisa de forma exegética, a partir do Texto Grego Majoritário, a passagem do livro de Atos 7.44-48, observando a construção semântica e gramatical, a fim de retirar do texto a intenção do autor, dentro de sua narrativa, sobre o conceito teológico da aliança de Deus com o seu povo. Dessa forma, o presente escrito trata do estabelecimento da promessa de Deus ao seu povo no deserto, da consolidação dessa aliança em Davi e da aplicação prática desse conceito na eclesiologia, abordando conceitos sobre o Templo de Salomão e a Casa de Deus, seu significado para Deus, para o homem e para a igreja. Por fim, será feita uma crítica histórica e teológica abordando os costumes da igreja evangélica de hoje em relação a essa questão.

**Palavras-chave:** Aliança. Tabernáculo. Davi. Templo. Igreja.

### ABSTRACT

This paper examines in exegetical, from the Greek Majoritary Text, the passage from book of Acts 7.44-48, observing the construction semantics and grammatical, in order to understand, through the text, the author's intention, inside your narration, about theological concept of God's covenant with his people. Thus the present writing deals with the establishment of God's promise to his people in the wilderness, the consolidation of this alliance in David and the practical application of this concept in ecclesiology, addressing concepts of Solomon's Temple and the House of God, its meaning to God to man and the church. Finally a critical historical and theological ways of addressing the evangelical church today regarding this issue.

**Keywords:** Covenant. Tabernacle. David Temple. Church.

---

<sup>1</sup> Possui Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), campus Porangatu; é bacharelado em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Brasil Central (SPBC). E-mail: [rcobat@yahoo.com](mailto:rcobat@yahoo.com). (Dados de 2012).

## INTRODUÇÃO

Em Atos, a Igreja de Cristo iniciava uma nova época, o Reino estava inaugurado e Cristo reinava ao lado direito do Pai. A Igreja, então, estava comissionada para cumprir o propósito do Rei Jesus, aquele que veio para cumprir o propósito de Deus.

Estevão é o primeiro mártir, aquele que morreria por ser testemunha de Cristo, aquele que é o bem-aventurado pela perseguição por causa do nome de Jesus (Cf. Mt 5.11). De forma singular demonstra aos fariseus que a promessa tipificada pela Lei e pelo Templo já fora cumprida em Jesus e o Reino de Deus já havia chegado. Ele levanta a história de Israel para demonstrar que o povo de Israel, e o Judaísmo, não eram capazes de cumprir a Lei (Cf. At 7.38, 39) e que Deus não estava preso a nenhum lugar santo, mas em todos os lugares onde o seu povo estava (Cf. At 7. 5, 6, 9, 44).

### 1. O CONTEXTO DO DISCURSO

Para a construção de seu discurso, Estevão usa os personagens principais da história de Israel com o objetivo de provar sua tese: a promessa tipificada pela Lei e pelo Templo já fora cumprida em Jesus e o Reino de Deus já havia chegado. No texto abordado, ele se refere primeiramente à tenda do testemunho ou tabernáculo, onde o povo adorava ao Senhor e os sacrifícios eram realizados para o perdão dos pecados do povo.

Depois de descrever a oferta (Ex 25.1-9), Deus especificou minuciosamente o padrão do tabernáculo. Começou com a descrição do item mais santo de toda a estrutura: a ARCA DA ALIANÇA (Ex 25.10-22). Dentre outros objetos do tabernáculo para os quais Deus deu instruções precisas estavam o candelabro de sete braços (Ex 25.31-39); cortinas de linho retorcido (Ex 26.1-25); os véus e o anteparo (Ex 26.1-37); o grande altar de bronze para holocaustos (Ex 27.1-8) e as tapeçarias do átrio. (YOUNGBLOOD, 2004, p. 1366).

Essa descrição detalhada foi passada por Deus, Iavé, revelado a Moisés no monte Sinai (Cf. Ex 3.14) e destacado no texto abordado como *aquele que disse a Moisés*, nomenclatura que reforça a impossibilidade de definição do Deus de Israel, que é infinito, eterno e para onde tudo converge (YOUNGBLOOD, 2004, p. 397).

Estevão continua a contar a história de Israel e cita Josué, que com o poder de Deus inicia a expulsão dos povos cananeus da Palestina, processo que durou até os dias de Davi (DAVIDSON, 1997, p. 1114).

Davi se torna então o centro da narração, pois ele foi o rei da unificação de Israel e da conquista de Jerusalém, que se torna o centro da nação. Incomodado com o seu conforto no palácio enquanto Deus era adorado em uma tenda, propôs a construção do templo, mas foi impedido por Deus cabendo ao seu filho e sucessor, Salomão, construí-lo (Cf. 2 Sm 7.1-13).

A argumentação de Estevão trabalha primeiramente a Lei e a rejeição de Israel aos preceitos ordenados por Deus e, depois, demonstra como a promessa e a presença do próprio Deus foi rejeitada pelos fariseus e pela liderança judaica, ao rejeitarem Jesus, o Messias. Portanto nem a Lei, expressão da vontade de Deus, e nem o Templo, representação da presença de Deus, tinham significado diante da infidelidade dos judeus.

Assim, Estevão ataca a alma e o coração da nação de Israel, o uso indevido da Lei e o Templo,<sup>2</sup> o coração pulsante, o centro econômico, político, social e religioso de Israel.

O Templo é o foco da argumentação final de Estevão, descrevendo a instituição do tabernáculo, a instituição da casa de Deus e conclui com o ataque ao Templo, fruto da velha religião judaica e produto de mãos humanas, ao contrário da Casa de Davi, Jesus, instituída por Deus.

### **1.1 Contexto estrutural**

A passagem abordada (At 7.44-48) demonstra o início das perturbações e da perseguição dos cristãos pelos judeus. Estevão, um judeu helênico, é um dos sete homens de boa reputação (Cf. At 6.3-7) escolhidos para servir a Igreja que crescia. Foram eleitos para ser diáconos, homens que cuidariam da obra social da Igreja, ajudando os cristãos necessitados.

Estevão, homem cheio do Espírito, é figura e preanuncio das várias perseguições que a Igreja sofreria diante dos judeus. Ele é o primeiro mártir da Igreja, pois foi preso e acusado

---

<sup>2</sup>Sobre a purificação do Templo feita por Jesus Van Bruggen (2005, p. 129) afirma: “Jesus manifestou-se como o Senhor do templo. [...] O seu aparecimento constitui-se uma séria ameaça para o templo (Mc 11.16).[...] Mais tarde os discípulos compreenderiam que a purificação era um sinal de sua própria morte sacrificial. Ele mesmo era o templo que seria destruído e reconstruído em três dias”.

falsamente diante do Sinédrio, situação que ocorreria diversas vezes, apontada no livro de Atos, com os cristãos (YOUNGBLOOD, 2004, p.512, 513). As principais acusações contra Estevão foram de ser desleal com o Templo e a Lei de Moisés. Ele não negou nenhuma delas, mas argumentou de tal forma que enfureceu o Sinédrio, tanto que seus integrantes rangiam os dentes contra ele. Atacaram-no e lançaram-no fora da cidade, matando-o a pedradas.

É importante levantar a estrutura da argumentação de Estevão para compreender a passagem central a ser desenvolvida neste artigo. A primeira coisa a se fazer para uma análise estrutural é definir os limites da passagem buscando a paragrafação, *uma unidade genuína e completa*. (STUART, 2008, p. 207).

O discurso de Estevão é muito bem delimitado por Lucas. Isso fica claro quando em Atos 7.2, Estevão responde a pergunta do sumo sacerdote, e, em 7.54, Lucas descreve a reação do Sinédrio ao ouvir a resposta. Lucas inicia o discurso de Estevão com 'Ο δὲ ἔφη, que pode ser traduzido como *então ele disse* e termina com Ἀκούοντες δὲ ταῦτα, que pode ser traduzido como *ao ouvirem então estas coisas*.

Dentro desse discurso existe uma divisão em quatro blocos, coordenados pelas citações do Antigo Testamento (AT), de forma quase literal na versão grega, a Septuaginta (LXX), que montam a argumentação de Estevão sobre as acusações contra a Lei e o Templo.

O primeiro bloco (vv. 3-36) trata da promessa feita a Abraão (Cf. At 7.3-7) e do desenvolvimento de seu cumprimento através dos patriarcas Isaque, Jacó e principalmente José (Cf. At 7.8-19), na diáspora ao Egito e Moisés (Cf. At 7.19-36) no Êxodo.

O segundo bloco (vv. 37-43) trata do cumprimento da promessa por meio da Lei e da revelação de Deus através de sua Palavra, transmitida por Moisés, no qual o centro é o grande profeta a ser levantado por Deus. E, também, descreve a rejeição a esta Lei e seu descumprimento na adoração a outros deuses.

O terceiro bloco (vv. 44-50) trata do cumprimento da promessa através da presença de Deus no meio do povo durante toda a sua história, simbolizado pela tenda do testemunho e da impossibilidade de Deus estar limitado em construções humanas.

O quarto e último bloco (vv. 51-53) é a aplicação do discurso de Estevão, condenando o Sinédrio de matar e de rejeitar os profetas, a revelação de Deus e do Espírito Santo.

O objeto de estudo deste trabalho é exatamente o terceiro bloco (vv. 44-50) desse discurso, que tem como centro a tenda do testemunho e a presença de Deus no meio do povo. Entretanto, a citação dos versículos 49 e 50, de Isaías 66.1-2, não fará parte da análise gramatical, pois não faz parte da argumentação e apenas fundamenta a tese de Estevão.

## 1.2 Contexto teológico-gramatical

A análise gramatical e semântica definirá as seções do texto analisado. A perícopé adotada contém sete orações. Na primeira o sujeito é a *tenda do testemunho* (σκηνή τοῦ μαρτυρίου) e a essa oração subordinam-se as duas seguintes, onde os sujeitos são respectivamente *aquela que falou no deserto a Moisés* (ὁ λαλῶν τῶ Μωσῆ) e *os pais* (οἱ πατέρες).

A quarta oração é subordinada à terceira e o sujeito desta é *Deus* (ὁ θεός). A quinta oração é subordinada à anterior e o sujeito é *Davi* (Δαβίδ), e é aqui que se encontra o centro do argumento de Estevão. A penúltima oração está em contraposição com a antecedente e o sujeito é o filho de Davi, *Salomão* (Σολομῶν); e, por fim, a última oração contrapõe a penúltima de forma argumentativa, apresentando a tese defendida por Estevão.

Cada uma dessas orações tem um sujeito diferente, entretanto o foco da narrativa feita por Estevão é a tenda do testemunho (σκηνή τοῦ μαρτυρίου), sujeito da primeira oração e a habitação de Deus. É em volta dela que se constrói toda a narração e o argumento final.

Desta forma, pode-se dividir o texto em três seções básicas: (a) a instituição do tabernáculo, que descreve a história do tabernáculo até Davi (vv. 44-45); (b) a instituição do Templo de Deus em Davi (v. 46); (c) o contraste entre o reino de Deus e a religião do homem, representado no Templo de Salomão.

## 2. A INSTITUIÇÃO DO TABERNÁCULO

Estevão começa o seu ataque ao Templo contando a história do tabernáculo em três fases: a primeira apontando como Deus se coloca no meio de seu povo, tornando-se presente, bem ao centro do povo em meio ao deserto (v. 44); a segunda mostrando o tabernáculo como

herança ou favor de Deus para Israel; e a terceira afirmando o cumprimento da promessa de Deus para os Pais (patriarcas) (v. 45).

## 2.1 A presença de Deus entre os Pais (versículo 44)

A primeira afirmação de Estevão demonstra a presença do tabernáculo entre o povo de Israel, denominado como *nossos pais*, enquanto eles estavam no deserto. No AT os termos usados para definir o tabernáculo são *tenda da congregação* - *ohel moed* (אהל מועד) *de habitação ou tabernáculo* - *miskhan* (משכן)

### עדות

o tabernáculo é o testemunho do Senhor sobre o povo de Israel, pois guarda a sua Lei (COENEN, 2000, v.1, p.2477). Essa locução nominal, *ohel edut*, define uma tenda de caráter provisório, que tinha em si o testemunho de que Deus estava presente fisicamente entre o povo, tipificado pela Lei, também chamada de Testemunho que se encontrava dentro da *Arca da Aliança* (Cf. Ex 40.20).

As manifestações sobrenaturais e os diálogos entre Moisés e Deus acontecem várias vezes, naquela que também é chamada de *tenda da congregação*. A nuvem que representava a presença do Deus Altíssimo desceu sobre o tabernáculo e o encheu de glória (Cf. Ex 40.34).

Durante a trajetória no deserto, Deus estava presente no meio do povo, de forma visível, real e legitimada pela presença do *Testemunho dentro do tabernáculo*. O centro do povo era o próprio Deus que estava presente, habitava com o povo naquele lugar solitário, o deserto (Cf. Ex 25.8).

## 2.2 A herança de Deus para os Pais (versículo 45a)

Os *nossos pais* também são localizados fisicamente no *heremos* (τῆ ἐρήμῳ). O significado literal para *heremos* é sozinho, solitário. É usado de inúmeras formas no Novo Testamento (NT), geralmente para indicar solidão ou um lugar onde não existe companhia, ou seja, um deserto (KITTEL, 1976, v.2, p. 657).

Nesse lugar ermo, e não em Jerusalém, Deus concedeu a graça de sua presença em meio ao povo, ordenando a construção do tabernáculo, demonstrando o modelo exato. A ordem vem acompanhada de instruções que o próprio Moisés tinha visto (ἔωράκει). Essas instruções vieram na forma daquilo que Estevão chama de *tupon* (τύπον), que significa *marca*, ou *uma impressão*. No contexto grego, era usado em sua forma verbal para indicar uma marca feita a partir de uma batida, mas especificamente uma impressão. Nesse contexto, percebe-se a tentativa de Estevão em buscar o termo para a palavra vetero-testamentária *tabnyth* (תבנית), que ocorre quatro vezes sempre com o significado de planta, modelo, figura (KITTEL, 1976, v.8, p. 245) para a construção do tabernáculo do Senhor (Cf. Ex 25.40). Ou seja, o próprio Deus desenhou o tabernáculo determinando todos os detalhes a Moisés.

A determinação da construção, assim como a condução do tabernáculo pelo povo, foi uma concessão de Deus para o povo, um favor, uma graça. O verbo εἰσήγαγον (*eiségagon*), que significa *conduziram*, refere-se aos *nossos pais*, conduzindo de forma ativa no passado, a tenda do testemunho, rumo a terra prometida. Entretanto, o termo διαδεξάμενοι (*diadexameni*) age como advérbio temporal e modifica o verbo principal *conduziram*, demonstrando uma concessão *daquele que tinha falado com Moisés*. O particípio verbal temporal, ligado a um verbo principal no aoristo, indica uma contemporaneidade ou simultaneidade com a ação principal (WALLACE, 2009, p. 624), no caso do texto, *conduziram*. Assim, *aquele que tinha falado com Moisés* permitiu tanto a construção da tenda do testemunho como, também, a sua condução.

O Senhor conduzia seu povo e estava com ele, todo o resultado da peregrinação foi dádiva de Deus para Israel. Era uma honra e privilégio poder conduzir a tenda do testemunho e ter Iavé como Deus. Essa era a herança desse povo, descendente de Abraão. Deus estava com eles como prometera (Cf. Gn 17.7).

### **2.3 A promessa de Deus para os Pais (versículo 45b)**

A condução do tabernáculo continuou com o substituto de Moisés, Josué. Este entraria na Terra Prometida, seria vencedor na conquista de todas as nações ali presentes para o estabelecimento do reino de Israel. Deus havia prometido aquela terra para Abraão (Cf. Gn

15.7) e seus descendentes e agora cumpria essa promessa. A promessa estava sendo cumprida através da liderança de Josué, nome que significa *Iavé é a salvação* (STRONG, 2005, G2424) (יְהוֹשֻׁעַ) e sua versão grega é Ἰησοῦς (Jesus).

### 3. A INSTITUIÇÃO DO TEMPLO (versículo 46)

Deus expulsa os gentios (ἐθνῶν), diante (ἀπὸ) da face (προσώπου) *dos nossos pais*. Essa ação de Deus acontece até (ἕως) um tempo específico: os dias de Davi (τῶν ἡμερῶν Δαυίδ).

A palavra *hemera* (ἡμερα) é usada comumente no grego clássico como um dia comum e não como um período de tempo; entretanto, esse substantivo está no genitivo plural, indicando um período específico, dias, identificado pelo substantivo próprio Davi. Portanto, τῶν ἡμερῶν Δαυίδ, refere-se aos dias do reinado de Davi.

O conquistador da promessa de Deus para o povo de Israel foi Josué, a salvação do próprio Deus para o seu povo, mas o estabelecimento do reino de Israel só acontece em Davi, após a total expulsão dos povos daquela terra. A promessa seria cumprida de forma definitiva em Davi (v. 46).

#### 3.1 A promessa em Davi

Estevão afirma que a expulsão e a consolidação do reino se dão nos dias de Davi. Este foi escolhido para estabelecer de forma definitiva a aliança de Deus (Cf. Sl 89.3-4), colocando o trono do Rei de Israel no centro do povo e estabelecendo a sua Casa (Cf. 2 Sm 5.6,7). Isso ocorreu de três formas: primeiramente conquistou Jebus (Jerusalém), estabelecendo o centro do Reino; em segundo lugar trouxe a Arca da Aliança para Jerusalém para o centro do povo, demonstrando que o seu governo era teocêntrico; e, em terceiro, Deus trouxe paz e consolidação para o Reino de Israel (ROBERTSON, 1997, p. 208).

O reino é unido com a conquista de Jerusalém, estabelecendo a promessa feita a Abraão, ligando de forma estratégica o norte e o sul do país, através de Jerusalém, o centro da Terra Prometida.

Esse mesmo reino estava sob a Lei e a presença de Deus e isso é demonstrado quando a Arca da Aliança é levada a Jerusalém e colocada no tabernáculo sobre o monte Moriá, onde o único descendente de Abraão iria ser oferecido como holocausto, no entanto essa ação foi impedida por um anjo.

Por fim, um reino unido politicamente e sob a graça de Deus tem paz e calmaria. O rei de Israel estabeleceu o Reino da Aliança, o trono foi estabelecido no monte Sião, trazendo a paz sobre Israel (Cf. Sl 125).

Davi, como afirmado anteriormente, estabelece a aliança de Deus de forma definitiva de três formas: o reino, a presença de Deus e a paz.

### 3.2 A aliança em Davi

Na oração presente no v. 46, ὃς εὔρεν χάριν ἐνώπιον τοῦ θεοῦ, καὶ ἠτήσατο εὐρεῖν σκῆνωμα τῷ θεῷ Ἰακώβ, por duas vezes aparece o verbo *heurisko* (εὔρεν, εὐρεῖν), que significa *encontrar* ou *achar*. Esse verbo irá definir as divisões dessa oração que é central no texto selecionado e onde está também a contra-argumentação de Estevão.

Na primeira ocorrência, o verbo se refere à condição de Davi, representado pelo pronome relativo ὃς, diante de Deus. Isso pode ser verificado na expressão εὔρεν χάριν, que significa *achou graça*. A palavra *charis* (χάρις) significa *graça, favor, beleza, gratidão, agradecimento*. No AT o conceito de graça é expresso pela palavra *hen* (יָחַן) que “denota o mais forte que vem em socorro do mais fraco que precisa de socorro por causa das suas circunstâncias ou fraqueza natural” (COENEN, 2000, v. 1, p. 908).

A expressão *achou graça* (εὔρεν χάρις) ocorre inúmeras vezes no AT demonstrando exatamente essa atitude de graça e favor em relação a outro. Entretanto, essa atitude relacionada a Deus ocorre com relativa raridade no AT e refere-se à dádiva não merecida na eleição. Literalmente, ocorre apenas uma vez na LXX, em Gn 6.8, quando Deus escolhe Noé para salvar-se da destruição do mundo (COENEN, 2000, v. 1, p. 909).

A salvação de Noé está em um contexto de juízo no texto que afirma que Deus se arrependeu de ter criado o homem (Cf. Gn 6.6). O verbo traduzido por *arrepender-se* é

*nacham* (נחם), que denota *lamentar-se por algo feito*, que relacionado a Deus, é encontrada apenas mais duas vezes no AT, no Sl 90.13 e em 1Sm 15.35 (KOEHLER, 1999, p. 688).

No Sl 90.13, Moisés pede para Deus *se arrepende, se entristecer, se lamentar* (נחם) por sua decisão pelo o derramamento de ira sobre o povo e retirar o juízo. Moisés intercede, roga pelo povo, em um contexto de juízo, exatamente como Noé, e é atendido (Cf. Ex 32.11-14). Isso ocorre porque, assim como Noé, Moisés é um representante da Aliança da Graça, uma tipificação de Cristo, aquele que satisfaz a Lei.

Esse texto demonstra claramente uma divisão: (a) há um povo que será salvo, pois está debaixo da Aliança da Graça de Deus (Sl 90.17); (b) e há aqueles que o Senhor lamenta a existência (Sl 90.8), que estão debaixo da Lei. Estes últimos serão expulsos da face do povo de Deus, aniquilados por não fazer parte da aliança e não cumprir a Lei em Moisés, pois preferiram o modelo do mundo e da iniquidade como nos tempos de Noé, encontrando somente a ira de Deus. Já o primeiro grupo achou graça diante de Deus, algo involuntário, que parte totalmente da vontade soberana de Deus.

Percebe-se então que o centro do texto analisado é a aliança de Deus com o homem, para que este possa estar em sua presença, em sua Casa. Essa é a Aliança da Graça e tem algumas características: (a) como o próprio nome diz, é graciosa, porque Deus permite que um fiador, provido por ele e na operação do Espírito Santo, cumpra as nossas obrigações; (b) essa aliança é trinitária, ou seja, tem origem no Pai, é cumprida pelo Filho e aplicada pelo Espírito; (c) essa aliança é eterna e inviolável, sendo a mesma em todas as épocas desde o AT; (d) por fim, é uma aliança particular e não universal, é realizada somente no povo de Deus (BERKHOF, 1990, p.279).

Sobre a aliança, Robertson (1997, p. 17) afirma que é um pacto de sangue e envolve conseqüências de vida e morte, de cumprimento para a vida ou descumprimento para a morte. Isso é algo evidente na aliança com Adão (Cf. Gn 3.15), quando o descendente da mulher teria inimidade com a descendência de Eva e isso se confirma em Noé:

A aliança com Noé aparece no contexto do desabrochar destas duas linhas, e manifesta a atitude de Deus para com ambas. Destruição total e absoluta se acumulará sobre a semente de Satanás, enquanto livre e imerecida graça será prodigalizada sobre a semente da mulher. (ROBERTSON, 1997, p. 99).

Essa é a Aliança da Graça de Deus em Noé, que é reafirmada na Lei em Moisés e estabelecida no Reino em Davi. Isso fica claro, pois Davi se torna rei a partir de um contexto de juízo, assim como a salvação de Noé e a intercessão de Moisés. Israel exige um rei para Samuel (Cf. 1Sm 8), rejeitando o governo teocrático dos juízes, buscando a forma dos povos vizinhos. Saul se torna rei, de acordo com a vontade do povo e no modelo almejado para um rei (Cf. 1Sm 9.2), belo alto e em destaque. Contudo, Deus se lamenta (*nacham*) de ter feito Saul rei.

De forma soberana, Davi é o rei escolhido por Deus, a aliança é reafirmada nele e em seu reino. Deus estabelece juízo sobre a escolha do homem (Saul) e escolhe aquele que achou graça diante d'ele. Davi, assim como Noé e Moisés, é símbolo de Jesus, ele é o símbolo da aliança de Deus com o homem, cumprida em sua descendência.

### 3.3 A casa para Davi

A condição de Davi na graça deu-lhe uma falsa impressão que pode ser percebida pela segunda ocorrência do verbo *heurisko* (εὑρεῖν) em sua forma infinitiva, que ganha certa autonomia, por estar ligado a *skenoma* (σκήνωμα) que está no acusativo (BLASS, 1961, p. 211). Na segunda parte do v. 46, a expressão εὑρεῖν σκήνωμα, *achar tabernáculo*, ganha caráter de requisição em próprio favor, pois é antecedido pelo verbo *aiteo* (ἤτησατο), que significa *pedir, suplicar ou requisitar*.

Davi então faz um pedido (ἤτησατο) a fim de achar moradia (σκήνωμα) para o Deus de Jacó. Um processo similar ao feito por Deus quando *achou graça* em Davi. Se Deus teve compaixão (achou graça) de Davi, este também teve compaixão (pediu para achar casa) de Deus. Enquanto o reino estava em paz, Davi compara a sua moradia com a moradia de Deus, se incomodando com isso. Nasce no coração do homem Davi uma necessidade de construir uma casa para Deus.

Davi é então repreendido por Deus através do profeta Natã que afirma:

<sup>5</sup> Vai e dize a meu servo Davi: Assim diz o SENHOR: Edificar-me-ás tu casa para minha habitação?

<sup>6</sup> Porque em casa nenhuma habitei desde o dia em que fiz subir os filhos de Israel do Egito até ao dia de hoje; mas tenho andado em tenda, em tabernáculo.

<sup>7</sup> Em todo lugar em que andei com todos os filhos de Israel, falei, acaso, alguma palavra com qualquer das suas tribos, a quem mandei apascentar o meu povo de Israel, dizendo: Por que não me edificais uma casa de cedro?

<sup>8</sup> Agora, pois, assim dirás ao meu servo Davi: Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Tomei-te da malhada, de detrás das ovelhas, para que fosses príncipe sobre o meu povo, sobre Israel. (2 Sm 7.5-8 ARA).

O homem nada pode fazer para agradar a Deus, muito menos ter compaixão e construir uma casa para o Deus Altíssimo. Pelo contrário, o próprio Deus construiria uma casa para Davi (ROBERTSON, 1997, p. 210):

<sup>9</sup> E fui contigo, por onde quer que andaste, eliminei os teus inimigos diante de ti e fiz grande o teu nome, como só os grandes têm na terra.

<sup>10</sup> Prepararei lugar para o meu povo, para Israel, e o plantarei, para que habite no seu lugar e não mais seja perturbado, e jamais os filhos da perversidade o aflijam, como dantes,

<sup>11</sup> desde o dia em que mandei houvesse juízes sobre o meu povo de Israel. Dar-te-ei, porém, descanso de todos os teus inimigos; também o SENHOR te faz saber que ele, o SENHOR, te fará casa. (2 Sm 7.9-11 ARA).

O Senhor estabeleceria a Casa de Davi que permaneceria para todo o sempre e não seria jamais destruída. O trono de Davi seria eterno, através das obras de seu filho, chamado por Deus de seu próprio filho:

<sup>11</sup> Há de ser que, quando teus dias se cumprirem, e tiveres de ir para junto de teus pais, então, farei levantar depois de ti o teu descendente, que será dos teus filhos, e estabelecerei o seu reino.

<sup>12</sup> Esse me edificará casa; e eu estabelecerei o seu trono para sempre.

<sup>13</sup> Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho; a minha misericórdia não apartarei dele, como a retirei daquele que foi antes de ti.

<sup>14</sup> Mas o confirmarei na minha casa e no meu reino para sempre, e o seu trono será estabelecido para sempre. (1 Cr 17.11-14 ARA).

Mas especificamente os textos de 2 Sm 7 e 1 Cr 17, quando se referem ao filho de Davi, estão se referindo ao Filho de Deus, pertencente à Casa de Davi. É a mesma figura do Sl 2.7, um filho gerado pelo próprio Deus que traria o Reino de Deus a Terra. É este filho, Jesus Cristo, filho de Davi, que construiria o verdadeiro Templo, a Igreja de nosso Senhor. Deus esteve no deserto com o povo e Deus está com seu povo, aonde quer que ele vá.

#### 4. O REINO DE DEUS E A RELIGIÃO DO HOMEM

Nos dois últimos versículos (vv. 47, 48), Estevão concluirá sua narrativa e argumentação sobre o Templo, observando que o Templo não tem significado nenhum sem Cristo, e se tornou somente um objeto de idolatria.

##### 4.1 O Templo de Salomão (versículo 47)

Em uma pequena, mas importante, oração, Salomão (Σολομῶν), filho de Davi constrói (ῥκοδόμησεν) a casa dele (αὐτῷ οἶκον), pronome que se refere a Deus. A oração é subordinada a antecedida pela conjunção *de* (δέ) que indica uma contrariedade com a frase anterior, sendo traduzida por *porém* ou *mas*, ligando a oração a seguir com a anterior, mas de forma a contrariá-la. Ou seja, Davi pediu para achar moradia para Deus, entretanto isso não foi possível, Salomão, como filho de Davi, constrói casa para Deus, desejo do coração de Davi. Podemos observar que a autoria para a construção vai para Salomão e não para Deus (1 Rs 6.12,13), ao contrário do tabernáculo, onde quem estabelece o modelo é Deus.

O filho de Davi construiu o Templo, essa é uma mensagem que aponta para Cristo, pois em si mesmo não tem valor como afirma o versículo 48, o qual será trabalhado mais tarde. Esse Templo em si não tem valor, a não ser no institucionalismo da religião judaica:

Uma certa legitimidade é atribuída ao templo do Antigo Testamento, mas ela é de caráter essencialmente tipológico e escatológico e se baseia no reinado de Davi como tipo do reino eterno de Cristo[...] Mas o significado primário é escatológico. Na realidade concreta Davi peca, a monarquia se degenera, a cidade santa está cheia de sangue e o culto no Templo acaba no final mergulhado num institucionalismo morto. (SNYDER, 1996, p. 68).

Em oração, Salomão reconhece que Deus não poderia habitar naquele Templo e suplica para que o nome de Deus fosse adorado ali (1 Rs 8.26-53). Deus atende a oração de Salomão e concede sua presença no Templo, desde que o povo fosse fiel e obediente. Do contrário, esse Templo se tornaria um montão de ruínas (1 Rs 9.1-9).

#### 4.2 A religião do homem (versículo 47)

O Templo de Salomão se tornou um ídolo ao povo de Israel, que se acomodou com a presença mística do Templo e se desviou da vontade do Senhor.

O templo de Salomão veio a ser, de fato, um montão de ruínas, porque Israel entendeu mal a presença do Deus da aliança ligada a ele. O povo achava que a presença de Deus estava automaticamente garantida pelo templo de Jerusalém[...] Quando o profeta Jeremias exortava o povo a que corrigisse os seus caminhos ou seriam destruídos, eles entoavam repetidamente na cara dele: “Templo do Senhor, templo do Senhor, templo do Senhor é este” (Jr 7.4). O templo havia se tornado para eles uma garantia, uma segurança, na verdade, um ídolo. (HOLWERDA, 2005, p. 52).

Assim, o homem confiou em pedras e ídolos, e não quis obedecer a Deus, não viram o cumprimento da promessa para Abraão, da aliança com Davi, da simbologia do tabernáculo consumadas em Jesus, rejeitando o próprio Deus e seus profetas, assim como fizeram *os pais*.

A religião humana é conveniente à vontade do próprio homem, onde as obras de suas mãos se tornam deuses, e a criatura toma o lugar do Criador. O Templo de Salomão foi destruído e para a vergonha dos judeus, o Templo contemporâneo do livro de Atos foi construído por um idumeu, um *goy*, um inimigo impuro. Não era o tabernáculo de Moisés, nem o Templo de Salomão ou de Esdras, mas de Herodes.

#### 4.3 Deus em seu Reino (versículo 48)

O versículo 48 é a argumentação final de Estevão contra o Sinédrio. Ele o desafia a enxergar que Deus não estava presente no Templo, que essa concepção foi um erro histórico, isso levou Israel ao cativeiro babilônico e que um novo tempo tinha sido inaugurado.

Esse versículo é uma contraposição ao anterior, devido à conjunção adversativa Ἄλλ'. Os dois alicerces dessa oração são o adjetivo *hupsistos* (ὁ ὑψιστος), que se torna substantivado por causa do artigo precedente, e o verbo *kaitoikeo* (κατοικεῖ).

*Hupsistos* é um adjetivo que tem origem no advérbio *hupsi* que adjetivado era usado para se referir aos picos do Cáucaso, um “lugar alto”, “inatingível”. Esse adjetivo é usado para Deus no AT como *Elion* (עליון). Na LXX, o termo *hupsistos* é usado para traduzir *Elion*

e quase em todas as ocorrências se refere a Deus. No NT é um termo muito usado por Lucas, tanto no Evangelho como em Atos (KITTEL, 1976, v.8, p. 615-619).

O verbo *kaitoikeo*, que significa *habita*, indica uma condição e não uma ação propriamente. Especificamente, esse verbo está no presente gnômico, pois o sujeito é um adjetivo substantivado, ou seja, indefinível ou genérico, e considera uma situação geral de forma atemporal, sem considerar o tempo. É usado para se referir a coisas genéricas ou, mais especificamente, a Deus (WALLACE, 2009, p. 523).

Esse verbo é modificado de duas formas. Primeiramente, pela partícula de negação οὐχ, negando a condição inicial, e, em segundo, na locução adverbial, ἐν χειροποιήτοις ναοῖς (*feito pelas mãos templo*). A palavra *cheiropoiotos* (χειροποιήτοις), que é a junção de duas palavras χερ que significa *obra* ou *poder* e ποιήτοις que significa *fazer*, significa *obra feita*, denotando artesanato ou obra feita por mãos humanas (KITTEL, 1976, v. 9, p. 423). A palavra ναοῖς (*naos*) é um substantivo dativo masculino plural e significa *templo*. Deriva da palavra habitação, denotando habitação de deuses na Grécia Antiga. Na LXX, também é usada para denominar o Templo do Senhor.

Um detalhe importante é a colocação da partícula negativa. Normalmente ela seria colocada junto ao verbo a qual ela modifica, entretanto o *não* vem logo após a conjunção adversativa. Segundo Robertson (1919, p. 423), esse fato ocorre várias vezes na prosa do NT e, neste caso, indica uma ênfase na contraposição desse versículo está na sua contraposição ao versículo 47, reforçada pela partícula negativa. A localização do *não* antes do sujeito denota uma negação enfática, dizendo explicitamente que Deus não habita em templos, nem mesmo naquele construído por Salomão (v. 47). O sentido do verbo *kaitoikeo* é que Deus nunca habitou e nunca habitará em construções humanas, é uma condição atemporal e única, Deus está acima do tempo e do espaço, ele é eterno e imensurável, para mente e mãos humanas. Os versículos posteriores (49 e 50) vão fortalecer essa perspectiva, com a citação de Is 66. 1 e 2, quando o profeta afirma que o céu é trono de Deus e a terra está debaixo de seus pés. Aqui há uma afirmação explícita sobre o Deus majestoso e glorioso e que nada feito pelo homem pode comparar-se com a sua glória.

Apesar de toda a majestade divina, Jesus cumpre a promessa de Deus de habitação no meio do povo, inaugurando o Reino de Deus. Estevão tinha plena consciência de que ele não

pertencia mais ao reino da Terra e que agora ele era cidadão do Reino dos céus, pois quando ele acusa o Sinédrio de perseguição e assassinato do Justo (v. 52) e acontece o seu martírio, ele olha para os céus abertos e vê seu Rei à destra de Deus, de pé e não sentado, pronto para recebê-lo em seu verdadeiro lar. Ezequiel tem uma visão que aponta para isso:

<sup>5</sup> O Espírito me levantou e me levou ao átrio interior; e eis que a glória do SENHOR enchia o templo.

<sup>6</sup> Então, ouvi uma voz que me foi dirigida do interior do templo, e o homem se pôs de pé junto a mim, e o SENHOR me disse:

<sup>7</sup> Filho do homem, este é o lugar do meu trono, e o lugar das plantas dos meus pés, onde habitarei no meio dos filhos de Israel para sempre; os da casa de Israel não contaminarão mais o meu nome santo, nem eles nem os seus reis, com as suas prostituições e com o cadáver dos seus reis, nos seus monumentos [...]. (Ez 43.5-7 ARA).

Se o desejo de Deus com o tabernáculo era habitar no meio de seu povo, em Jesus ele cumpriu esse desejo. Jesus é o tabernáculo, é o próprio Deus no meio de seu povo. Deus habita então em Jesus e no seu povo. A visão de Ezequiel se cumpre não na *Casa de Israel*, que desonrou o nome de Deus, mas no meio dos filhos da verdadeira Israel. Assim, inicia-se o novo tempo, no novo Templo, o Reino foi estabelecido pelo filho de Davi, cumprindo a promessa do Deus soberano.

A igreja nunca é um lugar, mas sempre um povo; nunca um curral, mas sempre um rebanho; nunca um edifício sagrado, mas sempre uma assembléia dos que crêem. A igreja é você que ora, não onde você ora. Uma estrutura de tijolo ou mármore não pode ser igreja mais do que suas roupas de sarja ou cetim podem ser você. (SNYDER, 1996, p. 72).

Os templos de pedra não são mais necessários, não existe lugar santo ou Templo santo, existe um povo santo, e a profecia de Ezequiel ainda não foi totalmente cumprida, pois assim como Estevão, a Igreja militante espera ver Jesus à destra do Pai.

## 5. O CRISTIANISMO E OS TEMPLOS

A Igreja Cristã somente construiu um lugar para adoração por volta do ano 200 d. C. (SNYDER, 1996, p. 74), e, somente após o século IV, se apodera de construções pagãs para o culto cristão.

A ascensão de Constantino como imperador romano, no início do séc. IV, é peça fundamental para entender esse aspecto. Gonzalez (1988, p. 15) afirma que há quem diga que, até o século XX, a Igreja estaria na era constantiniana. Constantino tinha dois métodos para tratar o Cristianismo; segundo Walker (1967, p. 149), “[...] ou levar a Igreja a submeter-se, quebrando seu poderio, ou aliar-se a ela, assenhoreando-se assim do controle político da crescente organização”. O segundo método foi o escolhido. O Cristianismo era a culminância da unificação imperial, era a chance de restaurar o “Velho Império”; então cabia a Constantino a organização de uma religião una que englobasse todo o mundo imperial. Para isso, dividiu a Igreja em cinco patriarcados: Jerusalém, Antioquia, Alexandria, Constantinopla e Roma. “A própria existência do patriarcado de Constantinopla, uma cidade que nem sequer existia como tal nos tempos apostólicos, mostra que esta estrutura correspondia mais a realidades políticas que as origens apostólicas.” (GONZALEZ, 1985, p. 63).

Apesar do Edito de Milão não transformar o Cristianismo em religião oficial do Império, Constantino se empenha para formar uma conduta religiosa homogênea, tornando-se o chefe máximo da Igreja, trazendo grandes conseqüências para a vida eclesiástica.

Ser cristão, nesse contexto, era fazer parte do Império. Eusébio de Cesária (265-339) afirmava que finalmente havia chegado à consumação dos séculos e que Constantino seria o eleito de Deus (GONZALEZ, 1988, p. 52). Essa posição criou uma teologia oficial, em que se consumara a esperança da vinda do Reino de Deus, uma das pregações fundamentais do Cristianismo primitivo, favorecendo o imperador nesse aspecto.

Eusébio de Cesaréia não era o criador da teologia oficial, mas representava o pensamento e o sentimento dos cristãos da época, deslumbrados com o favorecimento imperial. De forma prática, a salvação não estava mais ligada à fé e à vida cristã, mas simplesmente ao fato de fazer parte da igreja do Império. O corpo da Igreja então era composto por diversos tipos, cristãos por experiência, filhos de cristãos, pagãos conversos e simpatizantes (GONZALEZ, 1988, p.55).

Mas enquanto alguns se regozijavam com a paz de Constantino, outros se entristeciam com o estado em que a Igreja tinha chegado.

A porta estreita de que Jesus tinha falado se tornara tão larga que uma multidão se apressava a em passar por ela, muitos em busca de posições e privilégios, sem ter

uma idéia do batismo ou fê cristã. Os bispos competiam pelas posições de mais prestígio. Os ricos e os poderosos pareciam dominar a vida da igreja. O joio crescia junto com o trigo e ameaçava sufocá-lo. (GONZALEZ, 1988, p. 57).

Antes de Constantino, o culto cristão era simples, pois os cristãos se reuniam nos lares, cemitérios, catacumbas, e mesmo se houvesse lugar de reunião, esta era de igual modo simples. Mas, após a conversão do imperador, o luxo e a ostentação, antes característicos dos templos pagãos, se tornaram exemplos de igrejas cristãs, o mundo do Império Romano agora entrava na vida dos cristãos.

Depois da conversão de Constantino o culto cristão começou a sentir a influência do protocolo imperial. O incenso, que até então tinha sido sinal do culto ao imperador, apareceu nas igrejas cristãs. Os ministros que oficiavam no culto começaram a usar vestimentas ricamente ornamentadas durante o mesmo, em respeito pelo que estava tendo lugar. Pela mesma razão vários gestos de respeito normalmente feitos diante do imperador começaram a surgir também no culto. (GONZALEZ, 1988, p. 37).

Toda essa pompa fez surgir uma aristocracia eclesiástica, paralela com a aristocracia imperial, a Igreja imitava o império, não só na liturgia, mas também na estruturação social (GONZALEZ, 1988, p. 54).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dois temas são de suma importância dentro de At 7.44-48. O primeiro trata da questão teológica propriamente dita, a aliança da graça. O segundo diz respeito à prática dessa teologia na eclesiologia.

Deus é o Deus da aliança, que decide desde a eternidade até a salvação do homem através do acordo entre o Pai e o Filho, executado na aliança das obras e cumprindo o acordo original: “[...] visto que Cristo satisfiz a condição da aliança das obras, o homem pode agora colher o fruto do acordo original pela fé em Cristo Jesus” (BERKHOF, 1990, p. 213).

Estevão discursa especificamente sobre a condição da igreja após o cumprimento do pacto das obras em Cristo e o estabelecimento da promessa divina, de forma plena, quando a nova Jerusalém descer do céu, da parte de Deus, e o tabernáculo de Deus for montado entre os homens.

Cristo então é o mediador dessa aliança, pois cumpre a Lei e provê morada para o seu povo, sendo sacrifício, sacerdote e tabernáculo (SNYDER, 1996, p. 61), portanto é Deus que faz Casa para Davi, através de seu próprio filho. “Cristo como Aquele (sic) que, tomando sobre si (sic) a culpa dos pecados, pôs termo à relação penal destes com lei e lhes restabeleceu a correta e legal relação com Deus[...] Aí Cristo reúne Deus e o homem.” (BERKHOF, 1990, p. 283).

De forma prática, pode-se achar temas de eclesiologia no texto, quanto à forma de adoração do povo de Deus. Para a Igreja, o tabernáculo tem o cumprimento no corpo de Cristo (SNYDER, 1996, p. 63), a Igreja é a habitação de Deus, como afirma Stott (2005, p. 38):

Evidentemente, igreja quer dizer pessoas, não edifícios. A presença de Deus não está atada a nenhum templo em particular. Onde quer que estejam Seus filhos, Ele também está, e especialmente quando nos reunimos para adorar, ainda que somente haja duas ou três pessoas.

Estevão, descrito por Lucas, inaugura um tempo de perseguição, mas demonstra a quebra da velha ordem com o seu discurso. Cristo trouxe renovação para o seu povo, pois Deus Pai estava presente de forma definitiva no meio de seu povo. O tempo dos símbolos<sup>3</sup>, apontamentos, de esperança em um futuro terminaram. O Reino do Rei dos reis, o cumprimento do Testamento de Deus para Abraão, a salvação de Deus em Noé e o reestabelecimento da Criação então eram realidades. Jesus é a plenitude dos tempos, o motivo de toda a escrita da História.

Lucas mostra o rompimento do Judaísmo com o Cristianismo. Cristo não é uma religião, onde o misticismo e a confiança em ritos e símbolos substituem a verdadeira fé, mas é de fato a salvação do povo de Deus, é a realidade sendo trazida de volta, é a determinação do fim do tempo de sofrimento.

A igreja evangélica, de uma forma geral, erra quando estabelece o salão de culto como Templo, definindo-o como a Casa de Deus<sup>4</sup>. É preciso repensar e rever esse conceito de Casa

---

<sup>3</sup> A Santa Ceia do Senhor e o Batismo são sacramentos e não símbolos de apontamento para a promessa futura em Cristo. São selos da graça e da comunhão dos santos com Cristo, participando de seu Reino. A ceia do Senhor é a própria comunhão com Cristo e não apenas um memorial. Assim como o batismo que também é selo do pacto da aliança e não somente um sinal externo da conversão. Cf. CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER, 2001, p. 205-223.

<sup>4</sup> Não existe nada contra a construção de prédios adequados para reuniões, desde que se entenda que sua função é servir a Igreja e não ser a Igreja. Uma ótima solução é a construção de prédios multiuso, como é o caso da Igreja fundada pelo missionário Dr. William George Butler no interior do Nordeste no ano de 1898: um

de Deus, ou Templo Sagrado, muito presente na religião humana, e principalmente nas igrejas protestantes, pois essa é a base da eclesiologia da Igreja Católica Romana.

A Igreja precisa compreender que não é apenas uma denominação ou uma instituição que quer melhorar o mundo. A Igreja é o povo de Deus, cidadãos do Reino já estabelecido, o Reino santo. Não existem mais templos, não existem mais lugares santos, não há a possibilidade de compra ou venda da graça, não há religião e sim a vida com Cristo, pois esse povo já morreu na cruz e ressuscitou ao terceiro dia, juntamente com o seu rei. Estamos indo para a cidade santa, como diz o Sl 24: “Levantai ó portais eternos para que entre o Rei da Glória”, que volta da batalha com seu povo, vitorioso.

## REFERÊNCIAS

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas: LPC, 1990.

BLASS, Friederich; DEBRUNNER, Albert; FUNK, Robert Walter. *A greek grammar of the New Testament and other early Christian literature*. Chicago: University of Chicago Press, 1961

CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER. 17ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

COENEN, Lothar. BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

DAVIDSON, F. (org.). *Novo Comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1995

DOUGLAS, J.D (org.). *O novo dicionário da Bíblia*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

GONZALEZ, Justo. *A era dos gigantes*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1988.

\_\_\_\_\_. *A era das trevas*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1985.

GUNDRY, Robert H. *Panorama do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1987.

HENDRIKSEN, William. *A Aliança da Graça*. Disponível no site Monergismo, em: <[www.monergismo.com](http://www.monergismo.com)>.

HOLWERDA, David E. *Jesus e Israel: uma aliança ou duas?* São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

---

complexo que envolvia a fé (igreja), a esperança (escola) e o amor (hospital). Cf. <http://www.ipcanhotinho.org.br/>.

KITTEL, Gerhard. FRIEDRICH, Gerhard. *Theological Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1964.

KOEHLER, Ludwig ; BAUMGARTNER, Walter; RICHARDSON, M.E.J.; STAMM, Johann Jakob. *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. electronic ed. Leiden, New York : E.J. Brill, 1999.

ROBERTSON, A. T. *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research*. Nashville: Broadman, 1919.

ROBERTSON, O. Palmer. *Cristo dos Pactos*. Campinas: LPC, 1997.

SNYDER, Howard. *Vinho novo, odres novos*. São Paulo: ABU, 1996.

STOTT, John. *Sinais de uma igreja viva*. São Paulo: ABU, 2005.

STRONG, James. *Léxico de Strong: Hebraico, Aramaico e Grego*. Ed. Eletrônica. Barueri: SBB, 2005.

STUART, Douglas; FEE, Gordon. *Manual de exegese bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

VAN BRUGGEN, Jakob. *Cristo na terra*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

WALKER, Williston. *História da Igreja Cristã*. vol. 1. São Paulo: ASTE, 1967.

WALLACE, Daniel B. *Gramática Grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento*. São Paulo: EBRB, 2009.

YOUNGBLOOD, Ronald F. *Dicionário Ilustrado da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2004.